

Máscaras para vos quero

Fernanda Botelho

Uma máscara é um acessório utilizado para cobrir o rosto ou parte dele. A palavra tem, provavelmente, origem no latim *mascus* ou *masca* = “fantasma”, ou no árabe *maskharah* = “palhaço”, “homem disfarçado”.

O simbolismo da máscara varia consoante as diferentes culturas. A máscara é um adereço utilizado em diferentes situações, seja como disfarce, objeto lúdico, religioso ou artístico. Ela tanto pode revelar ou esconder uma identidade ou, ainda, transformar a identidade e a vida de quem a usa. Será este o caso das máscaras modernas? Usar máscara tornou-se obrigatório deixando mazelas do ponto de vista social do relacionamento com o outro, a falta de toque, de proximidade física, de sorrisos e abraços confortantes terão um impacto futuro na forma como nos relacionamos com o outro.

Todas as culturas desde as mais ancestrais pinturas rupestres têm representações de máscaras. Desde as culturas Orientais, Africanas, ou das Américas do norte, centro e sul, elas fazem parte de todo o tipo de rituais, os tipos mais comuns de máscaras eram as máscaras funerárias, de cura, de proteção, religiosas, de feitiçaria, máscaras carnavalescas e de teatro, as quais são também as máscaras das danças sagradas.

As máscaras de teatro simbolizavam um *Em Si* universal, já que representavam sentimentos e a manifestação de emoções universais. Eram usadas em verdadeiros espetáculos catárticos, nos quais o homem tomava consciência do seu lugar no universo.

A máscara no teatro também representa o rosto divino, o rosto do sol, mas também pode exteriorizar tendências demoníacas. É o que pode ser observado no teatro tradicional do Bali, onde o bem e o mal (representados por máscaras) se enfrentam.

A máscara funerária é um arquétipo no qual a morte supostamente se reintegra.

Muito usada no antigo Egito, a máscara funerária tendia a reter na múmia o alento dos ossos. Acredita-se ainda que os olhos das máscaras eram furados para simbolizar o nascimento da alma do morto num outro mundo, representando o renascimento. *

*(Em Dicionário de símbolos)

E agora, eis que a população do planeta inteiro foi obrigada a usar máscaras, quantos somos? 7,8 bilhões de habitantes, alminhas de rosto coberto para nos protegermos

de inimigos invisíveis.

Estas máscaras (cerca de 129 bilhões por mês em 2021) eram/ são muitas vezes trocadas duas a três vezes ao dia.

De que material são feitas, quem as faz? Onde? Em que condições?

Muita gente enriqueceu com o fabrico de máscaras. Disso não duvido.

Que impacto tem no nosso aparelho respiratório o facto de passarmos tantas horas a respirar microfibras?

Que impacto tem no planeta o consumo de tanto material descartável de uso único? Se ainda dessemos preferência às máscaras sociais de algodão, laváveis e reutilizáveis, mas não.

Vemos continuamente imagens de

serão esses, e que funcionalidade terão. O facto de andarem já a sensibilizar as escolas para os malefícios da indústria da moda que é das indústrias com maior pegada ecológica e da qual muitos adolescentes estão reféns ignorando tudo o que está por detrás de tamanha produção: Para produzir uma t-shirt, por exemplo, são necessários 2.700 litros de água. Para umas calças de ganga, o consumo de água pode chegar aos 10.000 litros. Seria com certeza um bom resultado desta campanha levar os nossos adolescentes e adultos a reduzirem drasticamente o seu consumo de roupa nova ajudando-os a serem consumidores mais conscientes sem caírem tão facilmente na ratoeira



macacos a comer máscaras, aves presas nos elásticos das máscaras, máscaras a flutuar no fundo dos oceanos despertando a curiosidade da fauna marinha e máscaras esvoaçando no campo e na cidade, nas falésias, no areal das praias e nos locais mais recônditos da natureza, lá está ela, a omnipresente máscara. O novo Deus, que nos protegerá e salvará do demónio COVID 19.

Temos de agir e dar algum tipo de solução mitigadora deste mal que nos assola.

Sintra parece ter uma espécie de solução, estando o SMAS já a trabalhar com algumas escolas e juntas de freguesia na sensibilização do público escolar e futuramente na recolha de máscaras para que seja feita a sua reciclagem juntamente com outras fibras têxteis. Sendo este um projeto de economia circular ainda não entendi com que tecnologia irão ser produzidos esses novos materiais e, que materiais

da moda e a orgulharem-se de consumir roupa em segunda mão.

Quem sabe algum dia, algum iluminado académico se dedique a desmascarar as máscaras. Por enquanto apenas a reciclar e já não é mau. O ideal seria inventarem máscaras como as dos povos antigos respeitadores da terra, que falam com ela, que a ouvem, que lhe ofereçam danças e pedidos de chuva, que a respeitam e a veneram nos seus rituais sagrados onde a máscara era, e é, muitas vezes o veículo de comunicação. Estas podiam ser feitas de materiais biodegradáveis, tecidos vegetais, folhas, cascas de batatas ou de banana recorrendo a plantas aromáticas com propriedades antivíricas que podiam ser incorporadas nessa fibras vegetais. O impacto seria com certeza diferente, correndo no entanto o risco de nos obrigarem a comer mais batatas e bananas para que haja matéria-prima suficiente.

Sintra avança com valorização e reciclagem de têxteis e máscaras

Escolas recebem sessões de divulgação de projeto inovador



O Projeto de Valorização e Reciclagem de Têxteis e Máscaras já arrancou no terreno, com a realização de oito sessões de divulgação em estabelecimentos de ensino, na área piloto que abrange a União das Freguesias de Aqualva e Mira Sintra, Freguesia de Algueirão-Mem Martins, Freguesia de Rio de Mouro e União das Freguesias de Sintra. Desenvolvido em parceria pelos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Sintra (SMAS de Sintra), Câmara Municipal de Sintra (CMS) e To Be Green (Universidade do Minho), este projeto constitui uma solução inovadora de Economia Circular para dar uma nova vida aos resíduos têxteis. Ao implementar este projeto, o Município de Sintra está “a fechar o ciclo”.

A recolha de têxteis e máscaras de proteção vai ser concretizada nas várias instalações dos SMAS de Sintra e da CMS, bem como em entidades que integram o projeto nesta primeira fase, nomeadamente as juntas de freguesia, estabelecimentos escolares (2.º e 3.º Ciclo e Secundário) e algumas Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), através da disponibilização de contentorização específica. Além do universo de trabalhadores do Município de Sintra e das juntas de freguesia, o projeto vai envolver um total de 15.200 alunos de 16 escolas e os utentes de 2 IPSS de cada freguesia da área piloto e do Banco de Recursos da CMS.

O projeto visa responder, por um lado, ao problema do descarte/poliuição de máscaras, resultante da pandemia de COVID-19, fomentando o seu encaminhamento para valorização e transformação. O polipropileno (plástico) extraído das máscaras será utilizado como matéria-prima para produzir novos produtos. A reciclagem de máscaras de proteção, sejam cirúrgicas ou de tecido, permitirá minimizar o impacto ambiental do seu uso e descarte, muitas vezes na via pública. “Reduzir, Reutilizar e Reciclar” são

as palavras-chave deste projeto que servirá, ainda, para a definição da atuação municipal a desenvolver no âmbito da implementação/execução da Estratégia de Intervenção na Gestão e Recolha Seletiva de Têxteis, tendo em conta a obrigatoriedade de recolha seletiva de têxteis até 2025, no sentido da redução da deposição em aterro ou encaminhamento para incineração e aumento dos níveis de reciclagem, sensibilizando, também, para o consumo consciente de vestuário e a aposta na Economia Circular.

Para além de contribuir para a sustentabilidade económica, social e ambiental, o projeto disponibilizará, a toda a população do concelho e após um processo de triagem (com avaliação do estado dos têxteis recolhidos), o vestuário em bom estado, através de uma “loja online”, suportada pela aplicação móvel (App) ToBeGreen. Caso não pretenda integrar a rede de partilha da App, pode depositar as suas peças nos contentores e o vestuário será destinado ao Banco de Recursos da CMS ou a uma IPSS. As peças de roupa que apresentem danos, serão encaminhadas para reciclagem e transformadas em novas fibras têxteis.

O projeto compreende, assim, a reciclagem e valorização dos resíduos têxteis, procurando responder a um problema que se coloca à escala planetária. Só em Portugal, segundo dados da Agência Portuguesa do Ambiente, 200 mil toneladas de têxteis são, anualmente, deitados para o lixo. A indústria têxtil é uma das mais poluentes em toda a cadeia, desde a produção de algodão (a fibra natural mais consumida), passando pelo processamento industrial (com elevado consumo de água e de emissões de CO2), até ao momento da aquisição do vestuário. Para produzir uma t-shirt, por exemplo, são necessários 2.700 litros de água. Para umas calças de ganga, o consumo de água pode chegar aos 10.000 litros.

Fonte: SMAS